

Pensando em armas para a desinstitucionalização da psicologia social

Tania Mara Galli Fonseca

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FONSECA, TMG. Pensando em armas para a desinstitucionalização da psicologia social. In RIVERO, NEE., org. *Psicologia social: estratégias, políticas e implicações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 78-85. ISBN: 978-85-9966-286-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Pensando em armas para a desinstitucionalização da psicologia social

Tania Mara Galli Fonseca

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade – que me oferecem os organizadores desse VIII Encontro da Abrapso-Sul – de juntar-me ao conjunto de vozes que se dispôs a contribuir com a discussão da temática Psicologia Social: estratégias, políticas e implicações. Acolho esse importante momento com o mais caloroso desejo de que, nessa mesa-redonda, a última de nosso Encontro, já possamos visualizar que a tarefa que nos une, desafia e vitaliza não se refere a nos certificarmos se ainda resta algo de vida na Psicologia, como interrogávamos há alguns anos atrás. Lá, e então, mirávamos a Psicologia como corpo inerte, engessado e mumificado por amarras emudecedoras e enrijecedoras. Um corpo governado pelas leis da tradição e do passado, corpo dos mortos, cuja configuração se mostrava ao mesmo tempo excessiva e insuficiente.

Hoje, o chamado corpo-Psi, em seu duplo formato de ciência e profissão, oferece-se ao exame como corpo ferido ao mesmo tempo que revigorado pela potência da crítica fecundadora e flexibilizado pelo acolhimento de novas demandas... corpo aberto, em vívida mutação e que, desmanchado e desconstruído, busca reterritorializar-se, enquanto se torna campo de passagens e disputas discursivas. Nele coexistem características de aparelho de reprodução e captura e as de máquina de guerra, podendo-se vislumbrá-lo também como locus maquínico e de produção, como tecnologia da inteligência que pode estar colocada a serviço da emancipação do pensamento e do desejo e, portanto, inventora de novos sentidos para os sujeitos e seus mundos.

Falar aqui em Transdisciplinaridade e Implicações da Psicologia Social leva, inicialmente, a delinear a Psicologia como implica da em um campo de saberes e poderes e sujeitada, ela própria a se fazer de acordo com os regimes de verdade dominantes. A produção da Psicologia enquanto ciência e profissão e a processualidade que marca o fazer-se da Psicologia devem ser vistas como parte das estratégias de controle social, específicas de épocas históricas e lugares particulares. Enquanto invenção sócio-histórica, a Psicologia, como dispositivo de poder-saber, pode ser considerada como dobra do social, dobra esta, dotada do poder de dobrar e

dar formas às forças, de direcionar fluxos e constituir modos de subjetivar. O dispositivo-Psi é inseparável dos mundos que cria, efetuando-se como organismo regulado e regulador, em constante tensão entre aquilo que já lhe é histórico e sedimentado e aquilo que, enquanto atualidade, provoca-o, fere-o e o instiga à diferença e alterização.

O corpo-psi pode ser pensado como obra-aberta, organismo não homogêneo e em estado de equilíbrio instável, rodeado de múltiplas linhas de natureza heterogênea, fraturadas e bifurcadas, que ao invés de lhe conferirem contornos definitivos, constituem-no como permanente rede de variáveis relacionadas entre si. Rede/novelo multilinear, conjunto bifurcante, uma vez que suas linhas enforquilhadas, são submetidas a variações de direção e a derivações. Bifurcar, como lembra Virgínia Kastrup, não é o mesmo que dicotomizar, pois enquanto a noção de dicotomia remete a duas realidades previamente dadas, a vocação da bifurcação é virar multiplicidade.

A multiplicidade vai se configurando na exata medida em que são operadas conexões e surgem as bifurcações, em que os fios são amarrados e as conexões cortadas ou desmanchadas (Kastrup, 2000).

Constituído de forma híbrida, o corpo-psi compõem-se pela conexão de saberes diversos, por migrações conceituais seguidas de um processo de transformação. Suas máscaras ou rostos, tendências e direções são plurais e diferem de acordo com a especificidade de suas alianças. O corpo-psi, tomado como rede complexa, é regido por processos que são imanentes aos dispositivos que o constituem, sendo sua lógica dirigida para o repúdio dos universais, do uno, do todo, do verdadeiro e posicionado a favor dos processos singulares de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação. Desapegado de referências em relação à unicidade e à verdade e posiciona-se como constructo em movimento tensionado entre passado e futuro, entre o atual e a história. O dispositivo Psi, nesta ótica, autoriza-se a habitar o vazio e o tempo, remetendo-nos ao hiato que nos separa daquilo que já não podemos dizer e daquilo que cai fora de nossa prática discursiva. Seu lugar já não coincide com o Mesmo e Idêntico, com o significado já narrado e representado. A diferença torna-se sua busca e sua recompensa, possibilitando o despreendimento de continuidades, identidades e teleologias transcendentais. O movimento de desterritorialização do dispositivo Psi, evidenciado na contemporaneidade,

“estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras” (Foucault, in: Deleuze, 1990:160).

Se tomarmos, pois, a Psicologia Social como um corpo científico que, conforme afirma Michel Serres, “corre e flutua sobre uma rede múltipla e complexa, de caminhos acavalados e entrecruzados em nós, picos ou encruzilhadas, ponto de intercâmbio nos quais se bifurcam uma ou várias vias”, podemos concebê-la como um tecido flutuante composto por “uma multiplicidade de tempos diferentes, de disciplinas diversas, de idéias da ciência, de grupos, de instituições, de capitais, de homens, em acordo ou em conflito, de máquinas e objetos, de previsões e acasos imprevisos...”. Não atribuída à invenção de um sujeito, que funcionaria como o centro do processo, a Psicologia é inventada no campo de certas práticas, constituindo-se como trama na qual os aspectos epistemológicos, financeiros, políticos, comerciais, teóricos e conceituais se mesclam sem privilégio de posição hierárquica de uns em relação aos outros. De sua capacidade de conectar-se, compondo-se como saber plural, quanto a métodos como quanto a objetos e problematizações, a Psicologia transpõe suas próprias fronteiras disciplinares, “sai de si, colocando-se para fora”, constituindo certos momentos de momentos de suspensão em que nos perguntamos se o que estamos fazendo é ainda psicologia. Nesses pontos de indiscernimento é que se constituem os espaços de invenção de novos caminhos. Parece-me que estamos vivendo, hoje, a duração desse momento de suspensão, nutrido pelo ainda irrepresentável e indiscernível. Como diria Eugen Bavar quando toma o espaço das trevas como aquilo que é encontrado na primeira manhã do mundo. Para este autor, as trevas condicionam a instauração da luz, sendo o quadrado negro de Malevitch uma ilustração perfeita do que é denominado esquecimento estético, a partir do qual antecipa-se uma superação.

O salvamento do sujeito criador permanece possível enquanto ele pode se colocar em face do obscuro, fazendo das trevas o seu objeto, o seu complemento, e não um inimigo a ser excluído... (Bavar, 1994:462).

Os momentos de indiscernimento, hesitação, suspensão podem ser vistos, tal como quadro de Malevitch, como um grito contra o mundo em

que tudo se torna intercambiável. Pode ser visto como a esperança de um olhar para além do banal...

Falo, aqui, agora inspirada em Luiz Antonio Fuganti, de um modo de pensar constituído como dobra do pensamento sobre si mesmo, implicando-o num combate interno de forças, combate ético que deve ultrapassar a consciência, a memória e os órgãos... Um combate para nos ultrapassarmos... para, de uma certa forma, nos esquecermos de nossas marcas, pois o entendimento não vem das marcas.

Ele procede da luminosidade própria da profundidade que brilha na superfície dos encontros (op.cit:55).

Corpo sem órgãos, campo afetivo de intensidades, pensamento sem marcas, livre da consciência...

Como podemos, a partir de então, discutir a questão da transdisciplinaridade na Psicologia Social? Parece-me importante assinalar que o fato de caracterizarmos o corpopsi como constituído por uma rede de intercessores, não significa dotá-lo de uma inerente capacidade de operar em termos cooperativos. Como nos aponta Baremlitt, parece óbvio que as diversas ciências não foram produzidas simultaneamente, sendo notório que umas tenham sido pré-requisito para a produção de outras que se seguiram, sendo que a aparição e o desenvolvimento das subseqüentes reverteram sobre o das precedentes. Da mesma forma, pode-se reconhecer que apesar da existência de distinções entre as diferentes disciplinas, é possível encontrar entre elas traços comuns. Constatase, pois, que o universo das ciências é marcado por importações, redefinições e refundações de recursos teórico-metodológico-técnicos e que essas relações podem ser de articulação e sinergismo, mas também de confrontação, concorrência e mútuo atravessamento. As ciências constituídas operam, portanto, através de uma autonomia relativa, sendo articuladas por uma espécie de organizador (paradigma) que define um modo do saber predominante em dado período. Definindo-se por seu objeto formal abstrato e por seus fundamentos, cada disciplina demarca assim o seu território e sua forma específica de intervenção. Contudo, na atualidade, emerge uma tendência a se constituir objetos localizados na confluência de várias disciplinas, como é o caso da saúde mental e da subjetividade e cujo entendimento será tanto menos lesivo se privilegiar a complexidade de que se constituem. Desta forma, tudo levaria

a pensar que o grau de cooperação interdisciplinar deveria predominar nas práticas científicas e profissionais. Não é, contudo, o que se observa.

As referências de Eduardo Mourão Vasconcelos demonstram a utilidade do conceito da transdisciplinaridade no contexto da desinstitucionalização em saúde mental e das repercussões nos saberes envolvidos na Área. Considerando a existência de diversos níveis de prática interdisciplinar, o autor leva em conta os graus sucessivos de cooperação e de coordenação entre as diversas disciplinas que compõem um campo de conhecimento e de práticas. A interdisciplinaridade pressupõe uma tendência à horizontalização das relações de poder entre os campos disciplinares implicados, reciprocidade entre os mesmos e enriquecimento mútuo.

Exige a identificação de uma problemática comum com o levantamento de uma axiomática teórica e/ou política básica e de uma plataforma de conjunto, colocando-se em comum os princípios e os conceitos fundamentais, esforçando-se para uma decodificação recíproca da significação, das diferenças e convergências desses conceitos, e desta forma gerando uma fecundação e aprendizagem mútua, que não se efetua por simples adição ou mistura. Mas por uma recombinação dos elementos internos. (...) As práticas interdisciplinares autênticas tendem, quando prolongadas no tempo, para a criação de campos de saber ou disciplinares novos (Vasconcelos, s/d: 8).

A transdisciplinaridade implica, portanto, em uma radicalização da interdisciplinaridade, com a criação de um campo teórico, operacional ou disciplinar de tipo novo ou mais amplo.

A transdisciplinaridade, pois, pode ser colocada como desafio às práticas-psi, visto que se trata de um modo de estruturar relações entre saberes e poderes, dos campos distintos ou mesmo de segmentos do próprio campo, não se colocando como efeito acabado e definitivo, mas como processualidade de um modo de produção do conhecimento. Trata-se de um novo paradigma que propõe a desconstrução dos campos organizados e instituídos, a formulação de novas perguntas e de novas problematizações, a ampliação do foco de abordagem e a ruptura com as delimitações dos saberes tradicionais. Busca uma nova recomposição de conhecimentos sustentados sobre um conjunto de rupturas e novas premissas. Na medida em que transpomos os limites de nossa disciplina, através de práticas como

as recomendadas por Deleuze e Guattari que dizem para aqueles que querem fazer Psicologia: aprenda história, espolie a biblioteca do arqueólogo, do etnólogo, do economista, empanturre-se de literatura e arte... Isto significa dizer, que fazer Psicologia não implica num exclusivo enquadramento conceitual e teórico, estando tal possibilidade inscrita em soluções não necessariamente de teor científico, pertencentes aos diversos campos onde pulsa vida e nos quais se distende e processa a produção do desejo e da subjetividade.

Se considerarmos o conteúdo político e ético do que estou chamando de graus de cooperação científica, cooperação essa que se vê radicalizada no modo de saber-fazer transdisciplinar, torna-se forçoso reconhecer que a Psicologia Social, devido às suas problematizações, revela-se como campo fértil para operações de hibridização, estando aberta, hoje, às intensidades oriundas do processo de crítica que emerge do campo das práticas sociais, cujo sentido extrapola e supera a capacidade científica de atribuir significados.

Se concordarmos, então, que os discursos Psi incumbem-se, juntamente com outras disciplinas científicas, da produção de “formas de saber que definem e determinam quais condutas podem e devem ser governadas, que circunscrevem aquilo que pode ser pensado sobre essas condutas e que prescrevem os melhores meios para torná-las governáveis”, e se os pensarmos, pois, juntamente com Foucault (1987), como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam e não como meros elementos significantes que apenas remetem a conteúdos ou a representações, passamos a considerar que a luta pela transformação dos modos de saber da Psicologia implica-se propriamente com a luta pela mudança nos regimes que sustentam a subjetivação. A desinstitucionalização da Psicologia associa-se permanentemente aos modos pelos quais cooperamos pela desterritorialização dos modos vigentes de produção do saber, do poder e da subjetividade. Os discursos Psi podem ser comparáveis a máquinas de fazer ver e fazer falar, sendo dotados da capacidade de produzir seus próprios regimes de visibilidade e enunciação, não existindo objetos e sujeitos que não sejam efeitos de sua imanência. Como nos diz Deleuze (1999:155),

visibilidade aqui não se refere a uma luz que ilumina objetos preexistentes; está feita de linhas de luz que formam figuras variáveis e inseparáveis desde ou aquele dispositivo. Cada dispositivo tem seu

regime de luz, a maneira como esta cai, se esfuma, se difunde, ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela.

Avizinhemo-nos, pois, das trevas e dos indiscernimentos propostos pela nossa atual contemporaneidade. Tornemos úteis as indecisões que as inúmeras bifurcações propõem, dotemo-nos de valores éticos importantes para potencializar relações que produzam bons encontros, façamo-nos relativos, sem nos pretender insignificantes, estejamos prontos para derivar para a nossa outredade, individual e coletiva, quando assim as confluências convidarem. Aceitemos que há escolhas que o pensamento pode realizar na construção de novos sentidos. Elas, contudo, não são absolutas e definitivas, tampouco nos são dadas a priori, tornando-se realizadas apenas se nós as concretizarmos e as produzirmos. Que possamos fazer falar, desde nosso trabalho na Psicologia Social, a própria outredade da Psicologia, que poderá inclusive tomar-se não familiar aos psicólogos apegados à identidade. Temos uma arma de guerra na mão. Nada nos garante a vitória, Apenas sei que não estamos na guerra desprotegidos e desarmados. Lutemos, pois!

Referências bibliográficas:

- BAREMBLITT, Gregório. Das virtudes teológicas, das ciências e das loucuras. In: Saudeloucura, n. 2. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAVCAR, Eugen. A luz e o cego. In: Bavar, E. e outros. Artepensamento. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- DELEUZE, Gilles. Qué es un dispositivo? In: Deleuze, G. e outros. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Editorial Gedisa, 1990.
- FUGANTI, Luiz Antonio. Saúde, Desejo e Pensamento. In: Saúde loucura, n. 2. São Paulo: Hucitec, 1990.
- KASTRUP, Virginia. A psicologia na rede e os novos intercessores. In: Fonseca, Tania Mara Galli e Deise Juliana Francisco (orgs.). Formas de ser e habitar a contemporaneidade. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.
- VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Desinstitucionalização e interdisciplinaridade em saúde mental. Texto digitado. s/d.

Bibliografia

- BACHELARD, G (1993). A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CAPRA, E (1997). A teia da vida. São Paulo: Cultrix.
- FREIRE, P.(1982) Extensão ou comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREITAS, M. E Q. (1998) Psicologia reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do psicólogo.
- MELUCCI, A (1996) The playing self -person and meaning in the planetary society. Cambridge cultural social studies.
- _____ (1989). Um objetivo para os movimentos sociais? São Paulo: Lua Nova.
- MORIN, E. (1999). Amor, poesia, sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- PESSANHA, J.A .M. (1992). Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: NOVAES, A. O Olhar. São Paulo: Cia das Letras
- QUINTAL, M. E E (1998). Novas práticas e velhos olhares em psicologia Comunitária: uma conciliação possível? In: SOUZA, L; QUINTAL, M. E F; RODRIGUES, M.M.P. (orgs). Psicologia reflexões (im)pertinentes. São Paulo: casa do psicólogo.
- RESTREPO. L.c. (2000). O direito à ternura. Petrópolis: Vozes. SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. Edições Afrontamento.
- TORO, R. A. “Identidade”. In: GÓIS, C.W. de L. (org.) (1991) Coletânea de textos de Biodança. Fortaleza, Ed. AL.AB.
- TOURAINÉ, A (1998). Poderemos viver juntos?